

Suas Magestades e Altezas
passam sem novidade em suas
importantes saudes.

Os redactores, compositores,
e distribuidores do Supplemen-
to por justos motivos não de-
claram o estado sanitario da
sua saude.

Para D. Jose Traste-imundo.

Ex.^{mo} Sr.



Segundo as instrucções
que recebi de V. Ex.^a,
e havendo sido julgada
urgente uma conspira-
ção — andei a metter
o nariz por toda a par-
te, e por fim dei co-
migo no dia 28 na Ou-
tra-banda, onde havia
arraial com acompa-
nhamento obrigado de
lambada.

A dizer a verdade
ninguem sonha em ber-
nardas; mas V. Ex.^a

é pai de todos, e por isso a sua paternidade
houve por bem ser indulgente para com os meus
erros passados, decretando a *necessidade* de que
em todos os pontos do reino rebentas e a anar-
chia. Inquestionavelmente V. Ex.^a é a virtude
de perna torta e *quinzena* mais illustre que
tem pisado a Terra Santa!

Os eternos inimigos da ordem e da tranqui-
lidade publica lá estavam a vêr o fogo de vis-
tas, levando a preversidade a ponto de se en-
thusiasmarem com os foguetes de lagrimas e as
estrellas encarnadas; em menoscabdo do nosso
Enzebio Candido e da moral offendida.

Felizmente as auctoridades tinham sido avi-
sadas e estavam á lerta. Seriam oito horas da
tarde quando grupos de homens entravam para
uma venda de vinho (é falsissimo estar entre os
desordeiros o padre Marcos) chegando a sua au-
dacia e despreso pelas instituções que nos re-
gem, a ponto d'empinar d'uma assentada meia
canada! A policia tomou as suas medidas e a
assembléa bebeu em sessão permanente durante
quatro horas.

De repente ergueo-se um malvado a mastigar
queijo soloio — soube depois ser o Mirabeau de
Cacilhas — fallou dirigindo á multidão um dis-
curso incendiario e *espirituoso*. A assembléa ac-
lheu as suas palavras cheias de Termo tinto com
a seguinte exclamação revolucionaria: "Traga
mais vinho!" Certifico de novo a V. Ex.^a, que
o padre Marcos não estava presente.

Os ouvintes, cegos, exaltados por esta elo-
quencia tão astutamente calculada para inflamar
as paixões, levantaram-se... dos bancos, e
sahiram agrupados... para se irem deitar. E'
atroz!

Puz tudo em campo e passei ordem de prisão
para um terrivel republicano, que conheci n'ou-
tro tempo. Infelizmente o monstro tinha-se en-
terrado havia tres annos: esta desobediencia á
auctoridade administrativa só succede n'este
paiz!

Visto pois que não ha o menor receio de re-
volta, que o povo está socegado, e que Cacil-
has existe á borda do mar — estou prompto a
servir de testemunha falsa em todos os proces-
sos que a alta sabedoria de V. Ex.^a ordenar —
jurando não confundir as hydras nem a pão,
depois dos proficuos trabalhos e ensaios de V.
Ex.^a

Sou, etc.

Manoel Crispim.

NOTICIA IMPORTANTE.



orre como certo que o nosso
paternal governo vai en-
viar a Pernambuco a bar-
ca dos banhos, surta em
frente do terreiro do Paço,
para que os portuguezes
perseguidos naquella cida-
de possam regressar a Por-
tugal, tendo a vantagem
de tomar banhos durante
a viagem. O governo decidiu não mandar vasos
de guerra porque os vai collocar no Passeio.Pu-
blico, entre as plantações de valverdes por con-
selho de S. Ex.^a o ministro da marinha.

**Litteratura desbarbada
do seculo 19.**



UNCA Portugal
apresentou um
enxame de liti-
teratos como nos
nossos dias; te-
mos hoje um
verdadeiro es-
quadrão de poe-
tas!!

A cada esqui-
na da rua se en-
contra o homem
grave e prosaico,
com uma deci-
ma a Marcia,
com umas qua-

dras a Anarda etc. e se durante o dia escapa ao
soneto, á noite é victima da ode ou da elegia!!

Estamos n'uma verdadeira quadra de poesia.
Um cidadão tem que tratar um negocio com al-
gum dos ministros, respondem-lhe em verso; se
requer, tem por despacho um soneto. As p-
pias *quinzenas* não são outra cousa mais do que
uma *satyra* financeira!

Nunca tem algum louveram tantos
vates!

Vai a gente mandar fazer um *fraque*, pede
ao alfaiate que lhe tome a medida, e começa
este a escrever — nove — trinta e seis — deoito
— e logo depois

Tem amôres o tumulto,
O pó tem vozes,
Tem o nada prodigios!

Quer o *janota* tirar um dente, saca-lhe o den-
tista o queixo e o queixal, e ao receber o di-
nheiro exclama inspirado:

Cara estancia, prados, rio,
Bergo, céo, frondoso teixo,
Dôce mãe, pombinhas, fonte,
Tudo affim saudoso eu deixo.

E o freguez deixa com effeito o homem do
botiçõ — repetindo pela escada abaixo;

Amôr, dôce flamma azeza,
Nos céos pela mão de Jove,
Agita, transporta, e move
O seio da natureza.

Parte o *janota* para Cintra a fim d'escapar á
poesia e aos poetas; chega ao Victor, entra no
quarto da cama, e encontra escripto por toda a
parte: — Aqui esteve Josino com Natércia! —
Nunca esquecerei os bosques de Cintra! — Amôr!
 vaidade, pó, poesia!... — No dia 25 d'Agosto
de 1830 estive neste quarto Elmano com a sua
Marilia! Pela manhã levanta-se o cidadão farto
do curso de poesia de muro, entra na casa de
jantar, e oh! horror! descobre nas paredes uma
Odyssea completa, versos traçados em jejum,
amôres desgraçados, em fim, um verdadeiro
Cancioneiro d'estuque.

Chega á cozinha para acender um cigarro e
sobre a chaminé lê o seguinte:

Cintra, adeos, que a sorte escapa
Ordena a minha partida,
Se dêsem comer de graça
Ficava aqui toda a vida.

João Elias.

Julgamos dever terminar este artigo com a
estatistica das obras poeticas publicadas desde
Janeiro de 1843 até ao presente.

Odes ao oleo de mamona, ás brisas, á lua, ao céo	1,613
Odes a Marcia	3,000
Sonetos a diferentes animaes, com- pendendo o cão, simbolo da fidelidade	306
Odes ao destino, ás couves e mais flores	109
Sonetos á patria	7,500
Sonetos para albums de senhoras incogni- tas	35,000
Poesias fugitivas, gasosas, e vaporosas	103
Poemas comçados	2,008
Elegias para quando morrer quem está vivo	9,001
Diferentes poesias para embarque	17,000

AÓ POVO PORTUGUEZ.



ENHUMA publi-
cação littera-
ria tem soffri-
do maior per-
seguição no
nosso paiz do
que o Supple-
mento Burles-
co!! Estão ac-
cusados uns
vinte e sete nu-
meros! Deos
louvado!! Crim-

inam-nos por annunciar-mos aos nossos leitores
que Suas Magestades e os caros penhores da nos-
sa futura felicidade gosam perfeita saude!!!!
Por darmos duas vezes por semana um testemu-
nho publico e official do quanto nos interessa-
mos pela saude da nossa adorada rainha, somos
accusados e perseguidos!!

Temos centenares de vezes chamado em letra
redonda aos cabras ladrões; qual historia, nin-
guem meche comnosco!! Damos um boletim
que deve encher de gozo os verdadeiros portu-
guezes, accusação no caso!!! Querem o por ve-
tura que dignamos que Suas Magestades estã-
com os padres á cabeceira? Assim parece! Aqui
anda grande marosca, grande tramaioa, poria
nós não cedemos, e a despeito de todos dize-
mos — SUAS MAGESTADES E ALTEZAS PAS-
SAM SEM INCOMMODADO EM SUAS IM-
PORTANTES SAUDES. — Juizes! condem-

nai-nos, arrastai ao patibulo homens que ainda não annunciaram um só defluxo; que vos apresentam a monarchia de perfeita saude!!! E que pessoalmente são amigos dos reis, porque ainda não conheceram um só que não fosse um anjo. Demais, para que de futuro ninguém se illuda, declaramos que o Supplemento Burlesco é essencialmente monarchico, e que o seu fim principal é defender a causa dos thronos.

O marido de D. Leonor.

(Apontamentos biographicos.)



D. Fernando foi um pobre diabo, fraco e aparvalhado, segundo nos diz a historia. Ha muito quem affirme que era fanhoso e que tinha as pernas compridas e delgadas: nós porém não entraremos n'estas questões de gambias e naxaes, que as julgamos contra as prerogativas e immuñidades da corõa.

D. Fernando nasceu em 1345, e no começo da sua jurisdicção indo o paiz n'um sino — decabiu completamente, ficando os empregados publicos reduzidos a quinzena, e desfinhando o commercio e a agricultura. A epocha parecia-se alguma coisa com esta nossa. Não haviam porém notas do banco.

O tal beldroegas não tendo onde cabir morto, vendo-se muitas vezes na precisão de pedir emprestado um pataco ao criado para cigarros — foi augmentando o seu bolsinho, e chegou a arranjar grossas sommas!

Casou com D. Leonor, e aqui começaram os trabalhos. Sem vontade propria — destinado unicamente para inundar Portugal com alguns caros penhores — foi constantemente illudido em tudo e por todos, e não dava um passo sem licença de sua mulher e João Fernandes Andeiro, uma especie de conde de tomar d'então.

Passamos em claro as façanhas militares de D. Fernando; medroso como uma lebre, quando o quizeram metter em cavallarias altas com ElRei D. Henrique, deu vergonhosamente á canella.

Talvez a melhor cousa que fez em toda a sua vida foi morrer — não se atrevendo nunca a dar um pontapé no conde Andeiro, que bem o merecia! Se este meliante tinha pelle de chibo que o protegia!

A historia não nos diz se D. Fernando foi commandante em chefe... Parece-nos que não.

O INCENDIO DOS REAES PALHEIROS DE MAFRA.



stamos realmente maravillados de não vermos os Crispins, os Araujos, os Carvalhos denunciarem os republicanos por haverem lançado fogo aos reaes palheiros de Mafra! Esta falta é imperdoavel! Esta negligencia do Olympio é digna da mais severa censura. Terem ardido os palheiros de Mafra e não se ter prendido um só

patriota custa a crer!

A' ULTIMA HORA.

Por um expresso chegado de Mafra consta ter

sido preso naquella villa um cigarro republicano, no acto em que fumava um charuto de vinthem, parece ser o mencionado cigarro sobrinho de um outro que lançára fogo aos reaes palheiros, precipitando-se depois nas chamas qual novo Sardanapalo.

O preso achou-se incommunicavel, e parece ter feito revelações importantes.

A justiça não dorme, está alerta, e ai dos cigarros que fizerem causa commum com os inimigos da orden!

Dizem que o Falcão está cheio como um ovo!
Não admira, come ha muito tempo.



A camara pregou pelas esquinas uma postura para nos livrar dos cães: quando haverá outra postura para nos livrar dos cabraes!

Não ha bem que se não acabe — nem mal que sempre dure. Os cabraes fazem-nos descrever da ultima parte deste ditado.

A camara municipal, segundo parece, tenciona culgar o cães do Sodré com nozes e castanhas piladas. Os desenhos são dos srs. Rambóis e Cinati.

Editor responsavel — MANOEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO
Rua do Poço dos Negros n.º 54.
1848.



O Financeiro Mor.

lith. Franca